

HISTÓRIA DA ARTE: *o século XIX*

Tópico 4

ARTE . VISUAL . ENSINO
Ambiente Virtual de Aprendizagem

O REALISMO.

Professor Doutor
Isaac Antonio Camargo



Cursos de Artes Visuais
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

ARTE
VISUAL
ensino

O que se chama de Arte, numa época ou lugar pode não corresponder ao que se considera Arte em outra época ou lugar.

O que se convencionou chamar de Arte pré-histórica não corresponde ao que chamamos de Arte hoje em dia. O mesmo se pode dizer das motivações que levaram o ser humano a praticar este mister ao longo do tempo.

Talvez a Pré-história tenha sido o único momento em que o ser humano pode manifestar-se a partir de seus próprios interesses pois a partir da antiguidade a Arte esteve, na maioria das vezes, relacionada, mantida pelo poder ou a serviço dele. Usada como meio para relatar e difundir as conquistas e feitos dos poderosos assumindo a função de propaganda.

Pode-se dizer que há, no contexto Pré-histórico, elementos Naturalistas em suas imagens, por que não dizer “realistas”. Realistas no sentido de reproduzir com muita precisão o que viam no mundo. Esta é uma interpretação possível de “realismo” e como tal não é descartada das representações imagéticas que ocorreram desde há muito.





Altamira, Espanha, 20.000 anos atrás.

Nas antigas civilizações há também uma busca pelo “realismo”, neste caso, a preocupação não é tanto da “representação naturalista”, mas da crua verdade.

Muitas obras mostram as punições que foram infligidas ou às quais os inimigos do poder sofrerão caso se oponham a ele.

Os governantes, exércitos, batalhas são mostradas do modo mais agressivo com agressões, decapitações e outros castigos e execuções explicitadas nas imagens. Isto poderia também significar “realismo” ou o que poderia ser classificado como “efeito de realismo”: a proposta de explicitar fatos e ocorrências no mundo, independente das imagens serem ou não naturalistas.



A paleta de Narmer, XXXI a.C., se refere à unificação entre o Baixo e o Alto Egito e propaga a postura repressiva do rei em relação aos seus inimigos.



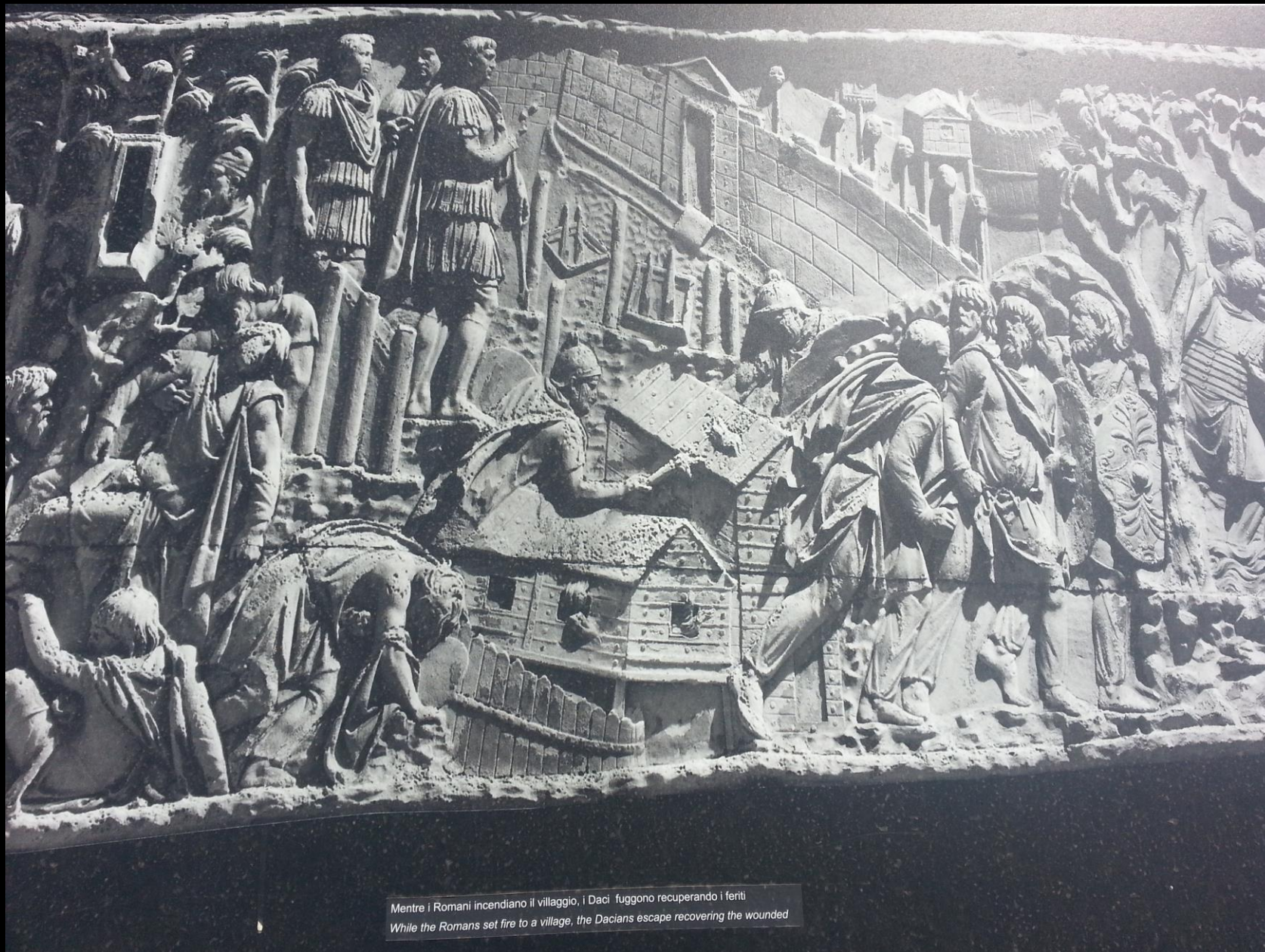


A paleta de Narmer, XXXI a.C., revela, em seus detalhes sórdidos o destino nos inimigos do faraó.

O uso das alegorias artísticas para enaltecer o poder dos monarcas sobre os inimigos tinham tanto a função de vangloriar os feitos do poder como também de advertência para intimidar, ameaçar e inibir revoltas. As civilizações da antiguidade eram pródigas no uso da Arte neste sentido.



A coluna de Trajano narra a conquista da Dácia, antiga província do Império Romano nas guerras de 101-102 d.C. e de 105-106 d.C.



Mentre i Romani incendiano il villaggio, i Daci fuggono recuperando i feriti
While the Romans set fire to a village, the Dacians escape recovering the wounded

Romanos incendiando o vilarejo e os dácios fogindo e levando os feridos.



Ultima cruenta battaglia della prima guerra dacica
The cruel final battle of the First Dacian War

Batalha da primeira guerra dácia.

La Vittoria ad ali spiegate, con due trofei di armi ai lati, scrive su uno scudo i successi di Traiano
Victory with outstretched wings flanked by two piles of weapons; she is writing on a shield
Trajan's achievements



A Vitória Nike, no meio dos troféus, escreve os sucessos de Trajano num escudo.

Naquele tempo, cabia aos artistas, normalmente artesãos especializados, a função de relatar os feitos de seus líderes, o que era feito nos palácios, templos, túmulos e nos objetos produzidos a mando deles. Embora pareça estranho aos olhos de hoje, a Arte era um meio de registrar e relatar e preservar tais feitos, um recurso comum e recorrente desde as antigas civilizações.

A Igreja Medieval usava também este recurso para preservar a memória dos acontecimentos cristãos narrando os eventos acometidos contra o Cristo e seus demais mártires comovendo os fiéis. Independente da informação que era veiculada nas Obras de Arte, cabia ao artista realizá-las, concordando ou não com elas.



Santa Julia e seu filho São Quirino, Museu Nacional de Artes da Catalunha, Barcelona, Espanha, sec. XII. Cenas que descrevem a tortura e martírio impostas a eles.

Durante boa parte do percurso histórico da Arte os artistas não puderam manifestar seu próprio pensamento, mas dar visibilidade ao que emanava da sociedade quer fosse da coletividade ou daqueles que detinham o poder sobre ela. De um modo ou de outro, apenas no século XIX é que os artistas puderam colocar em pauta seus próprios pensamentos e desígnios.

Pode-se dizer que o Realismo, no século XIX, foi um grande passo neste sentido: a Arte passou também a representar a si mesma e não apenas aos outros... Assim ela pode posicionar-se ideologicamente, pode manifestar-se a favor ou contra determinadas circunstâncias ou situações adotando uma ou outra postura diante da sociedade.

A Assembleia instituída pela Revolução Francesa (1789-1799), aprovou no dia 26 de agosto de 1789, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Eminentemente burguesa, esta Declaração assegurava os princípios da liberdade, da igualdade, da fraternidade (“*Liberté, égalité, fraternité*” - lema da Revolução) e o direito à propriedade.

Não se pode dizer que o poder instaurado após a Revolução foi um exemplo de democracia e liberdade, mas seu desdobramento acabou por consolidar um valor importante para a humanidade: a crença na Liberdade. Aos poucos a liberdade de pensamento e ações, passou a ser a base do estado de direito e da Democracia.

A luta pela liberdade, orientada pelo Liberalismo Político, iniciada pela burguesia e apoiada pela massa de camponeses e desempregados na Revolução Francesa, expandiu-se para o contexto social passando a ser também uma forma de governo inspirando outras nações tornando-se referência para o mundo livre.

Como já se viu, o Nacionalismo passa a ser um tema adotado pelo Romantismo francês. A obra de Delacroix explicita este ideal de liberdade também compartilhado por outros artistas como o belga Gustaf Wappersde Wappe.



A liberdade guiando o povo, alegoria de Eugene Delacroix, 1830.



A Revolução Belga, por Gustaf Wappersde Wappers, 1834.

Assim a Arte passa a expressar os anseios sociais emergentes. Neste sentido ela passa a ser a porta-voz dos menos favorecidos e contribuir para a reflexão sobre as questões sociais ao invés de reforçar as condições anteriores. Há então o engajamento da Arte em prol das conquistas sociais.

Não se pode dizer que os artistas fossem alheios às questões sociais, ideológicas ou políticas no entanto, nem sempre, puderam revelar isto sob o risco de serem reprimidos, rechaçados ou punidos por adotarem posições contrárias ao poder dominante. Um dos exemplos da atitude de descontentamento dos artistas com o poder dominante da nobreza é Francisco José de Goya y Lucientes, 1746 -1828.



Estragos en la guerra

Goya, na série: Os Desastres da Guerra, realizada entre 1810-15, publicadas só posteriormente, relatam as atrocidades e desmandos do poder.

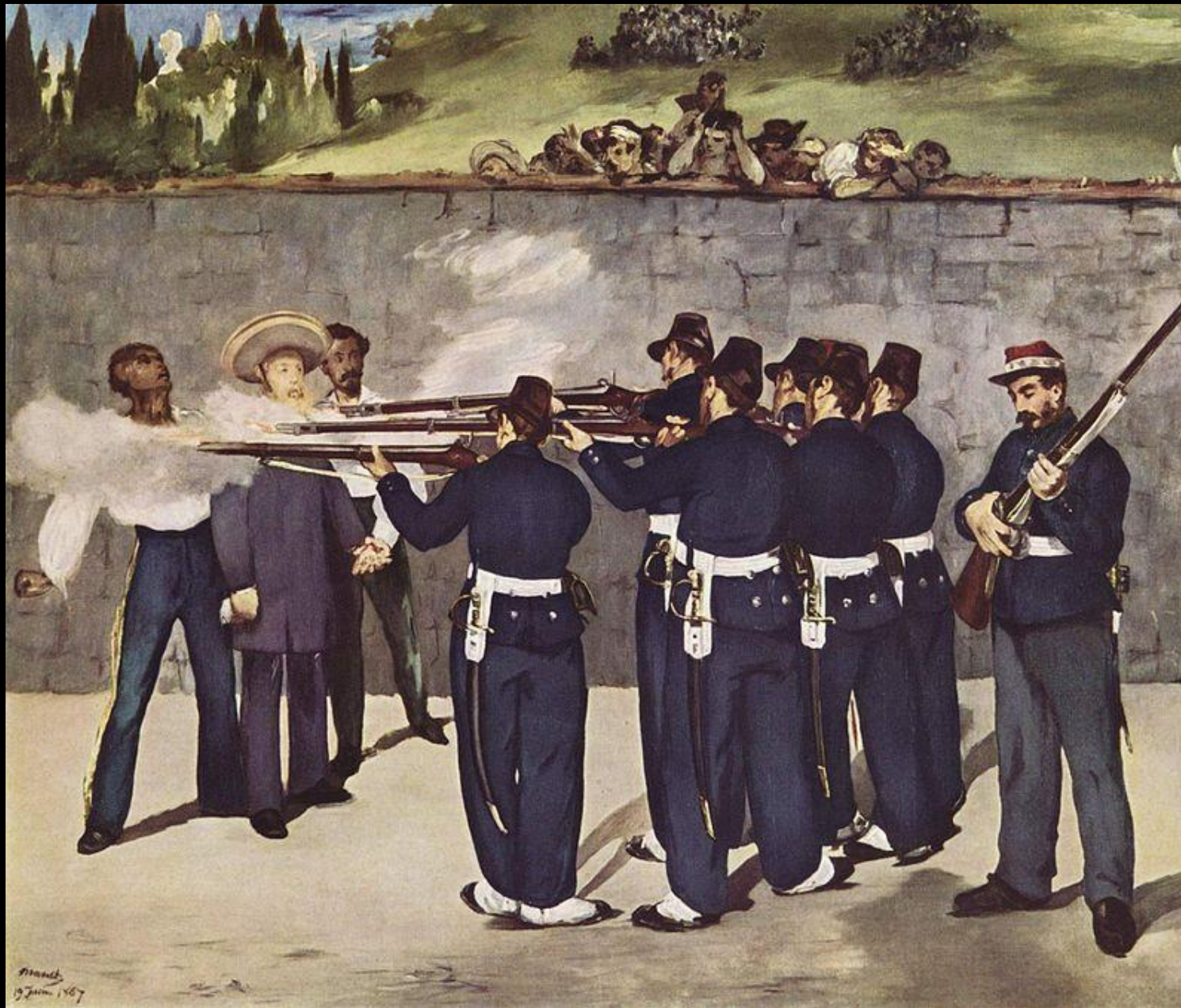


Antes disso, em 1821, Goya já havia sido vítima da Inquisição católica por conta de sua obra Maja Desnuda de 1795-1800, perdendo seu cargo de "Primeiro Pintor da Câmara do Rei", junto ao rei Carlos IV, para o qual tinha sido nomeado em 1785. Depois é inocentado e recupera seu trabalho.

Uma das obras em que Goya promove a denúncia contra a violência de caráter político é: Os fuzilamentos de 3 de maio, em que recorda a ação das tropas francesas contra um pequeno grupo de soldados espanhóis.



Três de Maio de 1808 em Madrid, Os fuzilamentos da montanha do Príncipe Pío ou Os fuzilamentos de três de Maio, de 1814, parte dos resultados das Guerras Napoleônicas contra a Espanha.



O tema do fuzilamento é retomado por Edouard Manet, em A execução de Maximiliano, de 1868, na qual relata a morte do imperador nomeado para o México por Napoleão e condenado por Benito Juárez, presidente, após a expulsão dos franceses.



Fotografía da execução de Maximiliano (direita) Miramón (centro) y Mejía (esquerda), em 19 de junho de 1867, pelas tropas mexicanas.

O Realismo francês, do qual participaram Coulibert, Millet, Manet, e Daumier tomaram por temas cenas populares, pessoas e ambientes comuns e a crítica à política destituindo da Arte Visual as grandes alegorias clássicas. Foi também um modo de contestar a estética vigente e abrir a discussão sobre o ambiente social.



Gustave
Courbet,
Mulheres
peneirando
trigo, 1854-
55.



Jean-François Millet, As catadoras de trigo, 1857.



Edouard Manet, Almoço na relva, 1863.



Honoré Daumier, A
República, 1848.

Percebe-se assim que, a partir do século XIX, já é possível exercer a liberdade de expressão por meio da Arte Visual. Embora em pequena escala, já se encontram obras que se contrapõem ao poder dominante instaurando um espaço de engajamento para a reflexão, denúncia e Ativismo, tanto de caráter político quanto social.

Embora o termo Ativismo esteja “em moda” faz parte do contexto político desde quando foi usado pela imprensa belga, em 1916, referindo-se ao Movimento Flamingant. Atualmente é entendido também como militância, partidarismo ou em defesa de ideais ou ideias e causas políticas ou sociais.

O Realismo

Neste caso em especial, o Realismo conduzido pela Arte no século XIX é um contraponto ao individualismo que o Romantismo havia trazido manifestou no século XVIII entre 1850 e 1900. O Realismo toma por referência algumas questões de caráter social que começaram a obter visibilidade na sociedade burguesa daquele período e traz isto para o contexto da Arte por meio do engajamento político e social.

Neste sentido pode-se dizer que começa a se delinear uma tendência que pode ser chamada de pré-Modernista, sem denegrir a capacidade e autonomia criativa dos artistas que já demarcavam alterações substanciais na Historiografia da Arte Visual revelando algumas mudanças e quebras no processo hegemônico da Arte Tradicional, o que leva a refletir se não antecipavam o que o Modernismo irá fazer.

Os artistas Realistas partiram das temáticas cotidianas e das paisagens, originárias da Escola de Barbizon e posteriormente passaram a tomar as questões de ordem social como temas e assuntos e ao contrário do caráter intimista e inventivo dos artistas românticos adotam a crítica social.

Temas como trabalho, exclusão e injustiça social além de outros valores de caráter humanista passam a ser tratados por vários artistas de tendência Realista.

Podemos considerar como representantes típicos desta manifestação artistas como: Coulbert, Corot, Daumier, Manet, Milliet que apresentam temas que, dificilmente, fariam parte da decoração das salas da nobreza ou burguesia dominante até meados do século XIX.

Alguém que usasse a mão de obra escrava ou quase escrava não se vangloriaria disso expondo em suas luxuosas mansões obras que mostrassem os serviços ou trabalhadores que explorava ou as trabalhadoras do sexo com as quais compartilhava seu lazer...

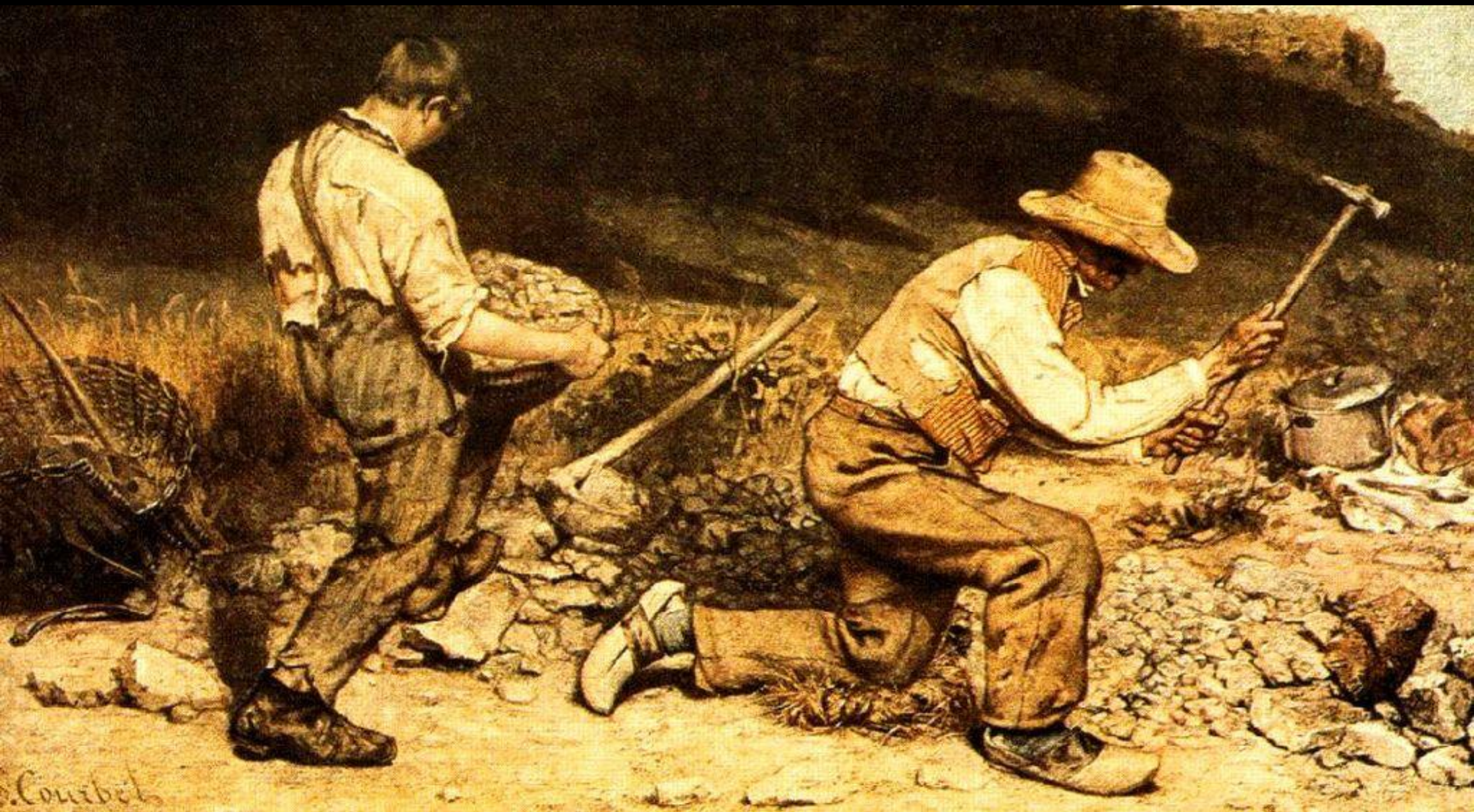
Gustave Courbet
(Ornans, 1819-1877, Latour-de-Peilz). Vai para Paris no final de 1839 para estudar direito e passa a frequentar o atelier do pintor Charles Steuben, onde se inicia na pintura e estuda as obras dos mestres no Louvre. Em 1848 participa do Salão de Paris com cenas com figuras simples e populares, diferente dos temas mitológicos dos demais artistas da época. Se opõe ao Romantismo e se configura como Realista.

Ele entrou na política às vésperas da Comuna de Paris de 1871 e desempenhou um papel ativo na vida política e artística do governo socialista de curta duração. Com o desaparecimento da Comuna, Courbet foi preso e condenado a seis meses de prisão por seu envolvimento na destruição da Coluna Vendôme, um símbolo da autoridade napoleônica. Vai para a Suíça para fugir da perseguição política.

Gustave Courbet.



Mulheres peneirando trigo, 1854-55



Quebradores de Pedra II, 1850

Jean-Baptiste Camille Corot
(Paris, 1796-1875, Paris)



Fontainebleau, 1830



Duas pastoras no lago, 1850-55

Honoré-Victorien Daumier (Marselha, 1808-1889, Valmondois). A partir de 1822 teve aulas no ateliê de Lenoir, ex-aluno de David. Estudou profundamente as obras de Rubens e Ticiano no Louvre. Se tornou reconhecido como pintor, caricaturista, chargista e ilustrador exercendo forte crítica aos políticos e à desigualdade social. Sua maior produção foi a Litografia, mais de 4.000, durante sua vida.



Esta litografia: "Gargântua", uma crítica ao rei Luis Felipe, de 1831, lhe rendeu a prisão por seis meses em Ste Pelagic em 1832.

Honoré Daumier.



Vagão de terceira classe, 1862-64



Burden, 1850-53

Jean-François Millet
(Greville Hague, 1814-1865,
Barbizon). Inicia aulas de
pintura em 1834, no estúdio
dos pintores Paul
Dumouchel, Jérôme
Langlois e Chevreville,
em Cherbourg. Mudou-se
depois para Paris, em 1838,
onde continuou sob a
orientação do pintor Paul
Delaroche, dedicando-se a
estudar os grandes mestres
do Louvre. Suas obras
representavam realidade
circundante, nos campo e
cidade, sobretudo a das
classes trabalhadoras.

Jean-François Millet.



Angelus, 1859



Catadoras de trigo, 1857



Trazendo o bezerro, 1860.



Pastor com ovelhas, 1860.



Plantadores de batata, 1861.

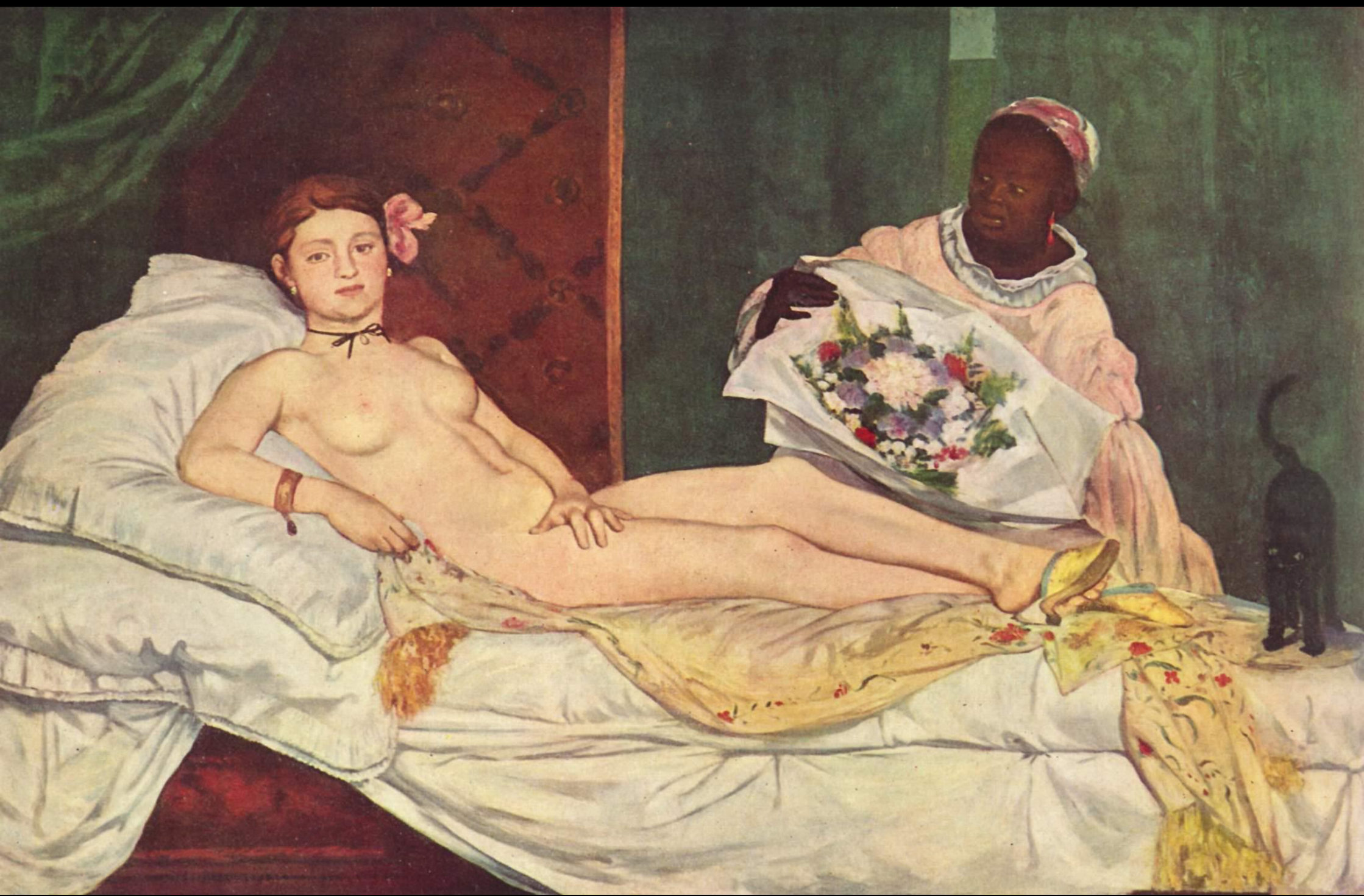
Édouard Manet
(Paris, 1832-1883, Paris).
Em dezembro de 1848,
Édouard embarcaria no
barco-escola "*Havre et
Guadeloupe*" para
o Brasil como marinheiro. A
experiência do Brasil lhe
proporcionou o gosto pelo
exótico e a repulsa ao
escravismo. Valorizou a luz
como a luminosidade da baía
de Guanabara. De volta a
Paris frequenta o ateliê do
pintor e mestre Thomas
Couture, onde ficou por seis
anos onde domina as
técnicas de pintura..

Em 1863 mostra algumas
obras no Salão dos
Recusados em Paris e a
que causa mais polêmica é
"Almoço na Relva" de 1863.
O escândalo se refere à
presença de dois senhores
vestidos e de duas mulheres
no campo, onde uma delas
está nua diante dos dois
homens. Cena nada
habitual para uma
sociedade puritana e
hipócrita. A partir daí outras
obras tão impactantes com
esta vão se tornar um hábito
na sua carreira.

Édouard Manet.



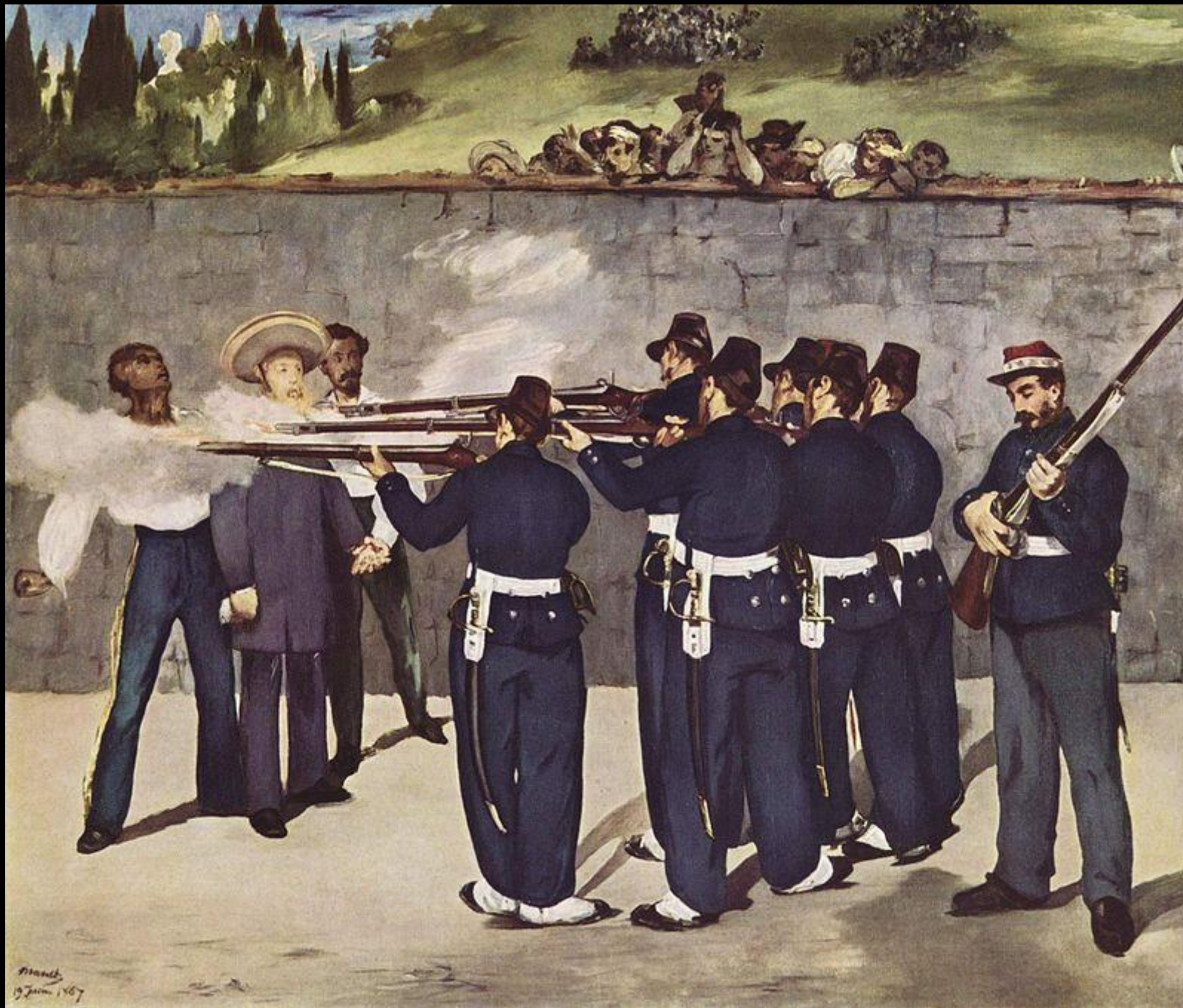
Almoço na Relva, 1863



Olympia, 1863



O Bar no Folie-Bergère, 1881-82.



A Execução de Maximiliano, 1867.



O suicida, 1880.

A explicitação da hipocrisia burguesa é um dos temas que ocupa as Obras de Arte destes artistas. Não quer dizer que os demais não continuassem a praticar ou desenvolver os mesmo percurso programático da Arte Tradicional, o que se vê é que começam a surgir sintomas de insatisfação com o *status quo* e isto se mostra por meio da Arte.

Pode-se dizer que alguns artistas do Realismo já se caracterizam como uma das tendências de oposição à tradição clássica na medida em que suas abordagens temáticas se distanciam drasticamente dos temas usuais como a mitologia, seus heróis e, principalmente, do passado greco-romano, neste sentido trocam a Alegoria pela Realidade e preparam o caminho para as transformações que o Modernismo irá desenvolver.

Leituras recomendadas para complementar os conteúdos deste tópico:

GOMBRICH, Ernest. A história da Arte – Cap. 24, 25.

Obs: Os textos aqui indicados estão disponíveis no site em TEXTOS.

Questões sobre este tópico e suas leituras:

1. Qual a diferença entre naturalismo e realismo?
2. Como as antigas civilizações tratavam a questão do realismo?
3. Como a Idade Média usa o “efeito de realismo”?
4. Qual é a proposta do Realismo no séc XIX?
5. Quais temas/assuntos mais abordados pelos artistas Realistas no séc. XIX?